

EDUCAÇÃO FÍSICA E CULTURA DE MOVIMENTO PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA: EXPERIÊNCIAS DE ENSINO NA ESCOLA MUNICIPAL GILVANETE GUEDES, VITÓRIA DE SANTO ANTÃO-PE.

Taysla Albuquerque de Araújo (1); Andreza Suêna Lima de Almeida (1); Maria Clara de Vasconcelos (2); Natália Francielle Bezerra da Silva (3)

*UFPE – Universidade Federal de Pernambuco – tayslaalbuquerque@hotmail.com; a.suena@hotmail.com;
claravasconcelos2015@gmail.com; nataliafran_2010@hotmail.com*

RESUMO

O presente artigo tem como o objetivo, relatar as experiências de ensino que envolvem a inserção de alunos com deficiência, em atividades pedagógicas relacionadas ao projeto de extensão intitulado “Educação Física e Cultura de Movimento para Alunos com Deficiência”, desenvolvido na Escola Municipal Professora Gilvanette Vieira Guedes, em Vitória de Santo Antão-PE. Metodologicamente, o projeto atende a duas turmas de educação especial, totalizando 17 alunos com deficiência. O conteúdo desenvolvido foca nos jogos e brincadeiras, considerando ser um caminho mais simples de interagir melhor com eles e, ao mesmo tempo, ofertar atividades de fácil compreensão, aceitação e execução. Para isso, utilizamos materiais como bolas, cones, cordas, bambolês etc, além de atividades com música e dança. Em termos de resultados parciais, a inserção das aulas de Educação Física trouxe uma experiência diferenciada para a vida desses alunos. De maneira geral, os alunos têm apresentado momentos de tranquilidade, atenção e participação nas atividades escolares, com maior frequência, segundo relatos das professoras da escola.

Palavras-chave: Educação Física. Escola. Aulas. Alunos com deficiência.

INTRODUÇÃO

Apesar das aulas de Educação Física serem importantes para o desenvolvimento corporal e educacional dos alunos, bem como sua vivência ser atividade escolar obrigatória em todos os níveis de ensino, desde o século XX, em sua trajetória foram abertas algumas exceções como, por exemplo, da participação de alunos com deficiência. Estes, geralmente, eram engajados em um programa especial de Educação Física, o qual deveria ser restrito, seguro e ajustado a um perfil de alunos que não estariam aptos a participar de atividades vigorosas (GREGUOL & COSTA, 2013). Independentemente desse cenário presente em várias escolas brasileiras, é preciso considerar um panorama mais amplo sobre o número de pessoas com deficiência.

Uma análise dos resultados obtidos pelo IBGE em 2010, revela que cerca de 24% da população brasileira apresenta algum tipo de deficiência (visual, auditiva, motora e intelectual) (GREGUOL & COSTA, 2013).

Diante desse contexto brasileiro, em que cada vez mais alunos com deficiência chegam até as escolas, urge a necessidade de as mesmas terem cada vez mais profissionais da educação especializados no atendimento a esses sujeitos. Em relação ao professor de Educação Física não poderia ser diferente. Nesse sentido, os currículos de muitos cursos de licenciatura em Educação Física (a exemplo do CAV/UFPE) já ofertam disciplinas, projetos (ensino, pesquisa e extensão) e outras atividades direcionadas a formar profissionais cada vez mais qualificados para trabalhar com alunos com deficiência.

No caso do projeto em questão “Educação Física e Cultura de Movimento para Alunos com Deficiência”, sua proposta é fazer com que alunos da Escola Municipal Professora Gilvanette Vieira Guedes, em Vitória de Santo Antão-PE, tivessem a oportunidade de vivenciar aulas de Educação Física. O projeto foi iniciado no segundo semestre de 2017 e segue em atividade. Na construção do projeto foi levado em consideração o fato da referida escola (até aquele momento) não possuir aulas de Educação Física para seus alunos com deficiência. E é sobre o relato das experiências adquiridas a partir desse projeto, que este trabalho tratará.

METODOLOGIA

A atual estrutura de organização da referida escola é de ensino regular e de integração, onde engloba alunos de várias faixas etárias e com diversas deficiências (física, mental, intelectual e sensorial). A Escola possui cerca de 115 alunos com deficiência, distribuídos em 13 salas (02 no turno da manhã e 11 no turno da tarde).

Nesse contexto, as atividades do projeto tem sido realizadas no turno da manhã, atendendo as duas turmas desse turno, a saber: “Classe Especial – Turma A”, com alunos na faixa etária entre 08 e 14 anos; e “EJA Especial – Turma B”, criado especialmente para atender os alunos “fora de faixa etária” e que não poderiam continuar na Turma A, tendo idades entre 16 e 46 anos. Seguindo as recomendações de organização da escola, as atividades têm sido realizadas nas salas das respectivas turmas, no horário das 09:00 às 11h, nas quartas-feiras.

As referidas turmas atendidas são compostas especificamente por: 13 deficientes intelectuais, 02 síndrome de Down, 01 autista e 01 deficiente intelectual e físico. Nesse caso,

optamos por focar as atividades no conteúdo “jogos e brincadeiras”, considerando ser um caminho mais simples de interagir melhor com eles e, ao mesmo tempo, ofertar atividades de fácil compreensão, aceitação e execução. Materiais utilizados: cordas, bambolês, bolas e cones, entre outros. Além disso, o uso de música e dança (ritmo e expressão) também tem contribuído bastante em todo o processo.

É fundamental ressaltar que a análise de diversos resultados obtidos nas aulas administradas na escola, oferece uma boa oportunidade de verificação dos conceitos de participação geral, cujo maior dilema é fazer com que todos possam participar ativamente das atividades propostas para que não haja exclusão de nenhum aluno devido suas limitações. Assim mesmo, a expansão de nossas atividades exige precisão e definição das condições apropriadas para a prática. Sendo assim, desde a intervenção que mobilizou os processos organizacionais até o objetivo, revela os parâmetros qualitativos, onde o método criado venha dinamizar os bloqueios estratégicos da problemática o que fez com que a vivencia do projeto suprisse de forma básica as necessidades encontradas em cada aluno.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola oferece um espaço físico relativamente bom, porém sua quadra não é coberta o que causa um certo desconforto em relação a algumas mudanças do tempo. Dessa forma, então, realizamos nossas interversões na própria sala de aula, o que não nos causa nenhum atrapalho. A inserção da disciplina de Educação Física na educação especial, tem dado grande contribuição para o desenvolvimento social, mental, motor e diversos aspectos que envolvem os alunos com deficiência. As atividades são adaptadas de modo que todos possam realiza-las. Nossas aulas são preparadas a partir de práticas corporais, jogos, brincadeiras, circuitos, musicalidade e momentos de relaxamento no qual, após o término das atividades procuramos deixar o aluno em um estado confortável, além de reestabelecer a calma em classe.

A inserção das aulas de Educação Física trouxe uma experiência diferenciada para a vida desses alunos. De maneira geral, os alunos têm apresentado momentos de tranquilidade, atenção e participação nas atividades escolares, com maior frequência, segundo relatos das professoras da escola. Ainda no primeiro semestre de 2018, nos chamou atenção o aluno Cleiton, diagnosticado em um estágio avançado de DI (deficiência intelectual). Tem sido perceptíveis melhorias em seu desenvolvimento, considerando alguns aspectos, a saber: tempo de resposta aos estímulos e no seu comportamento afetivo-social. Ele passou a esboçar algumas ações como, fazer sinal positivo indicando que gostou da aula e superou algumas

limitações em relação a movimentação como, por exemplo, dificuldade para saltar ou agarrar algum objeto.

As habilidades desses alunos passaram a ser vistas com outros olhos, pela nossa equipe. É nítido que suas limitações podem ser superadas, apesar de ser um processo lento, exigindo paciência e muito esforço da equipe do nosso projeto de extensão. Também tem sido possível observar que a identificação dos alunos com as atividades desenvolvidas varia conforme seus interesses. Alguns deles demonstram grande interesse por atividades com música, enquanto que outros, por sua vez, preferem jogos e brincadeiras relacionados a algum esporte (inclusive sinalizando habilidades para algum tipo de esporte, o que, se bem estimulado, pode desenvolver um potencial para o paradesporto).

No momento estamos trabalhando para criação de um método de avaliação, o qual contemple as diferentes deficiências presentes nas turmas. Por enquanto temos utilizado apenas a observação como ferramenta avaliativa.

CONCLUSÕES

O presente trabalho tem como principal objetivo expor as principais questões que contribuí com o desenvolvimento das crianças com necessidades especiais como sujeito de aprendizagem, desde a organização das estratégias de atividades desenvolvidas na escola. É possível refletir sobre as diversas dificuldades de se trabalhar, em sala de aula, com atividades que façam com que todos possam participar ativamente das atividades propostas para que não haja exclusão de nenhum aluno devido suas limitações. Nesse sentido, é possível perceber que os educadores da modalidade de educação especial necessitam de muito mais que uma formação adequada a sua atuação, faz-se necessário oferecer um maior suporte tanto para o professor quanto ao aluno, que venha trazer significativas mudanças assim como a inclusão da Educação Física escolar trouxe para esse público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Greguol, M. ; Costa, RF. Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. 3.ed. Barueri, SP: Manole, 2013.